

Leitura no campo e na cidade: uma discussão sobre os títulos lidos por estudantes da zona urbana e rural.¹

Bárbara MULLER²

Benedito Diélcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso – Cuiabá MT

Resumo

Este artigo visa contribuir para o debate sobre jovens e literatura, principalmente literatura nacional contemporânea. Traz um estudo comparativo sobre a leitura de livros entre estudantes de duas escolas públicas de Mato Grosso, uma da zona rural e outra da zona urbana. A partir das respostas fornecidas por meio de um questionário aplicado nessas duas instituições, podemos observar com um pouco mais de detalhamento os hábitos de leitura desses jovens, os livros preferidos e a ausência de autores contemporâneos brasileiros.

Palavras-chave:

leitura; escola rural; escola urbana; jovens.

Introdução

É notável que os jovens do campo e o da cidade vivam rotinas diferentes. As relações familiares, com os amigos, a escola e o trabalho têm outros significados. Sendo assim, as experiências desses jovens com as mídias e seu comportamento em relação a elas também mudam.

Em agosto de 2015, o projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo de trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídia” começou a ser implantado em 10 escolas públicas do estado de Mato Grosso. Esse projeto é uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc) e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Para melhor desenvolvimento da “fase piloto” do projeto, foi aplicado um questionário aos alunos participantes, com o objetivo de analisar a relação desses jovens com a mídia. Com 63 perguntas, o questionário abrangia várias áreas do consumo midiático, redes sociais, e a opinião dos estudantes sobre os meios de comunicação e o uso que faziam deles.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre de Graduação em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: barbamuller5@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielcio@hotmail.com

Este artigo pretende discutir as respostas fornecidas por alunos de duas escolas na pergunta 54 do questionário: “Quais foram os livros que você leu e gostou? Escreva até quatro títulos de livros”. As duas escolas integram a Rede Estadual de Ensino. Uma das escolas é urbana e está localizada em uma cidade distante pouco mais de 100 quilômetros de Cuiabá. A outra escola está localizada na zona rural, em um município vizinho à capital do Estado, Cuiabá.

Tendo como base as respostas fornecidas, pretendemos comparar os hábitos de leitura desses estudantes, priorizando os livros. As respostas foram divididas e classificadas. Os resultados serão apresentados em gráficos na segunda parte desse artigo. O principal objetivo é saber quantos livros, em média, foram lidos pelos alunos de cada instituição, e se são de autores brasileiros ou não. Também pretende-se analisar se estas obras são clássicas ou contemporâneas. Para esta pesquisa, consideramos “contemporânea” a obra que foi publicada originalmente após a década de 1960. Quanto às obras clássicas estrangeiras, mesmo que já tenham sido exaustivamente adaptadas por diversos autores, permanecerão classificadas como “estrangeiras”, tendo em vista a nacionalidade de seus autores originais.

Para melhor trabalharmos as respostas, separamos “título” de “livro”. Quando falamos em “título” nos referimos ao nome da obra, de forma que um título pode ser lido por mais pessoas. Assim, mesmo que tenham lido a mesma obra (ou seja, mesmo título), cada participante leu um livro.

Foram consideradas válidas as respostas que puderam ser identificadas e classificadas. As demais foram separadas em categorias próprias e serão mais bem estudadas na terceira parte do artigo. Tais categorias são “Ilegível/Não identificado” e “Não respondeu/Não sei/Não lembro”. A primeira refere-se aos títulos que não puderam ser classificados de outra forma, pelas seguintes razões: 1- A caligrafia do respondente estava incompreensível; 2- erros de ortografia ou imprecisão da resposta e 3- livros que não foram encontrados em pesquisas nos catálogos de grandes livrarias e buscas na Internet em geral. A segunda categoria destina-se a quantificar as respostas que não cumpriam o objetivo da questão. Nesse caso, agrupa-se tanto os questionários deixados em branco quanto respostas, em que os estudantes declaram não saber ou não se lembrarem de nenhum título em específico.

A partir dos resultados, faz-se uma discussão sobre os livros que estes jovens leem, e a formação dos mesmos como leitores. Para Ricardo Azevedo, a leitura tem diferentes motivações:

“Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.” (AZEVEDO, 2004 p.1)

Dessa forma, até mesmo livros não literários foram computados. Além das respostas esperadas, trabalhamos com as “respostas alternativas”, dados que não foram classificados como válidos para as análises principais, mas também contribuem para visão desses jovens como leitores e não leitores.

Não se pretende, aqui, fechar a discussão sobre leitura e formação de leitores nessas escolas, mas sim dar uma contribuição a esse debate, levando em conta que a escola pode e deve ser fomentadora da leitura, porém as experiências e os gostos dos jovens também são importantes para esse processo. Procuramos também dar mais um passo na discussão sobre a literatura brasileira contemporânea voltada pra o público jovem, questões estas já apresentadas para debate em outros momentos⁴.

Análise

Após a organização das respostas, é possível compará-las e formular algumas hipóteses sobre os hábitos de leitura dos estudantes das duas escolas. Para isso, serão consideradas as “respostas válidas”, ou seja, respostas que foram devidamente identificadas e classificadas.

O primeiro critério a ser utilizado é a média de livro por aluno. Somaram-se todas as respostas, e dividiu-se pelo número de alunos. Os resultados podem ser vistos nos quadros abaixo:

Quadro 01: media de livros lidos por alunos da escola urbana

Total de Livros	132
Total de Estudantes Respondentes	53
Média de Livro por Aluno	2,49

⁴ Esta discussão é parte de uma pesquisa mais ampla sobre educomunicação, juventudes e ciência, conduzida pelo “Núcleo de Estudos da Comunicação, Infância e Juventude”, da Universidade Federal de Mato Grosso. Outras discussões sobre os jovens, literatura e mídias já foram realizadas em diferentes eventos da Intercom. Os textos estão disponíveis nos anais dos congressos regionais de Brasília, em 2014, e de Campo Grande, em 2015. E também nos congressos nacionais realizados em Foz do Iguaçu, em 2014 e Rio de Janeiro em 2015. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1081&Itemid=134

Quadro 02: media de livros lidos por alunos da escola do campo

Total de Livros	67
Total de Estudantes Respondentes	60
Média de Livros por Aluno	1,11

Já é possível observar que os estudantes da escola urbana apontaram mais títulos válidos. Esse resultado era esperado, já que é possível deduzir que, por estarem na sede de um município, esses jovens alunos tenham mais acesso aos livros. Porém, outros motivos não podem ser ignorados, e serão objetos de estudos posteriores. Nas duas escolas, a média de livros lidos ficou abaixo da média nacional⁵, apontada na pesquisa do Instituto Pró-livro, realizada em 2015⁶. Esses dados apontam para a falta do hábito de ler livros, porém não é possível afirmar que há a falta de leitura no geral, já que textos impressos e em outras plataformas não foram considerados nessa questão.

Para contemplar o segundo objetivo dessa pesquisa, o próximo ponto a ser abordado é a nacionalidade dos títulos, dividindo-os em duas categorias “Estrangeiros” e “Brasileiros”. Dessa forma, é possível saber se a literatura nacional está presente no cotidiano nesses jovens, ou se eles têm mais acesso a best-sellers vindos de outros países.

Nos gráficos 1 e 2, observamos a distribuição das repostas nas categorias mencionadas:

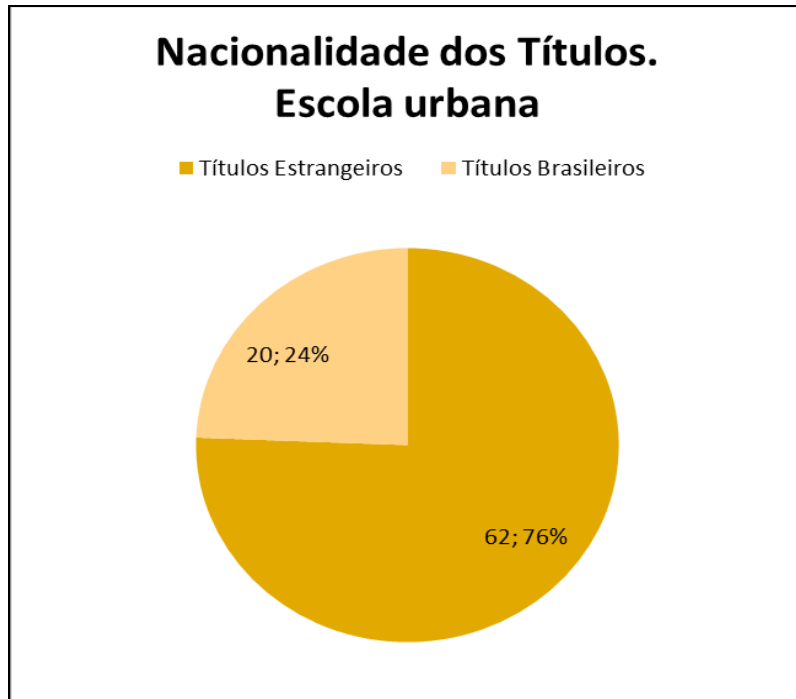
Gráfico 01. Percentual de títulos estrangeiros e brasileiros lidos na Escola do Campo



⁵ Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2016, jovens entre 14 e 17 anos entrevistados (mesma faixa etária predominante nas escolas) leram em média 3,81 livros.

⁶ 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, disponível em <http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>. Acessado em 10/07/2016 às 10:08.

Gráfico 02. Percentual de títulos estrangeiros e brasileiros lidos na Escola Urbana



Em ambas as instituições, a representação dos títulos nacionais foi pequena. Na escola rural, 30% dos estudantes apontaram algum livro nacional, enquanto na escola na zona urbana 24% das obras são brasileiras. Os motivos que levam estes jovens a escolherem obras estrangeiras ao invés de brasileiras provocam questões que precisam ser discutidas, o que faremos em outro momento.

Quadro 03: Títulos indicados pelos estudantes de cada escola, de acordo com as categorias

Instituição	Número de títulos Brasileiros	Número de títulos Estrangeiros
Escola do Campo	10	23
Escola Urbana	20	62

Para conhecer com mais detalhes os hábitos de leitura desses estudantes, criamos algumas subcategorias para as repostas previamente classificadas em “Estrangeiras” e “Brasileiras”. Sendo assim, os títulos, além de ficarem separados por nacionalidade, também foram divididos em “Não-ficção”, “Contemporâneo” e “Clássico”.

Nos gráficos a seguir, acompanhamos como ficaram distribuídos os títulos na escola do campo.

Gráfico 03. Percentual de títulos estrangeiros em suas subcategorias, lidos na escola do campo

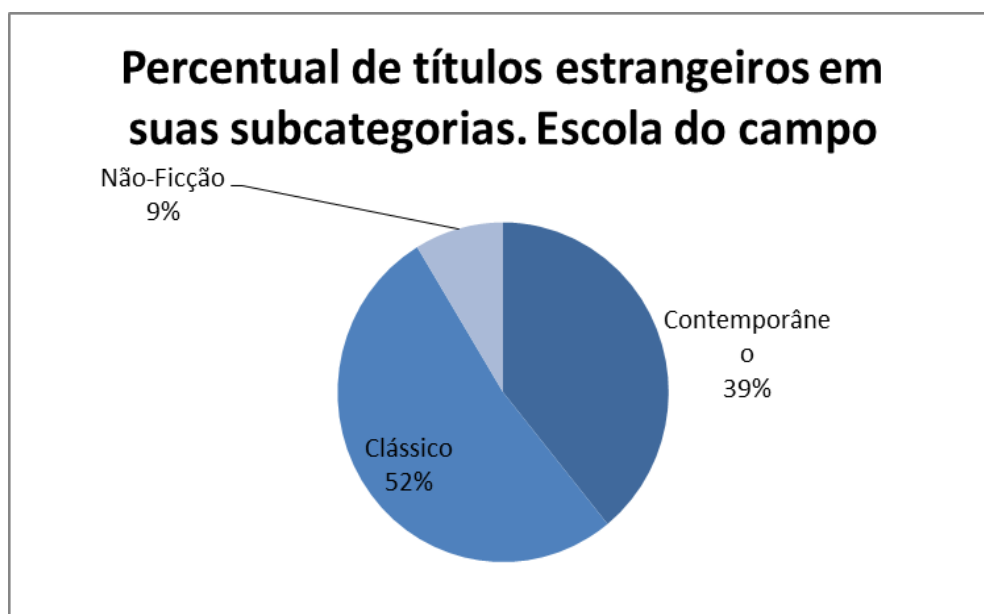
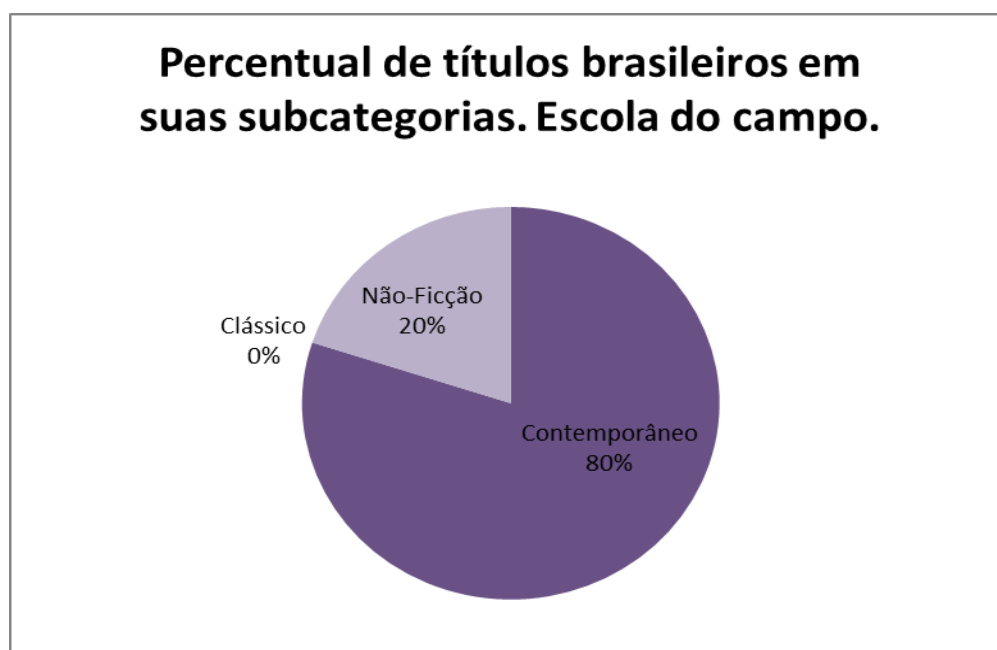


Gráfico 04. Percentual de títulos brasileiros em suas subcategorias, lidos na escola do campo.



Na escola do campo, a subcategoria “clássico estrangeiro” foi a mais popular. Já sua correspondente nacional, “clássico brasileiro”, não obteve nenhuma resposta. Entende-se como clássico, o título publicado antes da década de 1960. Ao observarmos mais atentamente, a lista de obras estrangeiras citadas⁷ pelos alunos da escola do campo indica

⁷ A questão que serviu de base para este artigo não especificava há quanto tempo e onde o livro foi lido. Dessa forma, os estudantes também puderam dar como resposta títulos que leram em casa e na infância.

que os títulos são correspondentes a contos de fadas e fábulas. Tais obras são mais comumente achadas no Brasil em versões adaptadas ao público infantil. Dessa forma, é possível deduzir que essa preferência pelos clássicos se deve ao acesso e à facilidade de leitura. É interessante ressaltar que a questão que serviu de base para este artigo não especificava há quanto tempo e onde o livro foi lido. Dessa forma, os estudantes também puderam dar como resposta títulos que leram em casa e durante a infância.

Apesar do valor atribuído aos clássicos, não podemos deixar de notar que, muitas vezes, eles não refletem a realidade dos leitores atuais. A partir do final do século XX, o livro infantojuvenil ganhou novos temas para se adaptar ao contexto de seus leitores, ao mesmo tempo em que cumpria certo papel educativo, já que aborda questões morais da sociedade, presentes no dia-a-dia desse público (LUFT, 2010).

A categoria “Brasileiros” não obteve tantas respostas. São 10 títulos no total, sendo dois de não-ficção e oito contemporâneos. Nenhum livro “clássico brasileiro” foi citado.

Enquanto na escola do campo a leitura de livros clássicos estrangeiros ultrapassa a leitura de obras contemporâneas, na escola urbana a leitura de obras contemporâneas é substancialmente maior, como vemos no gráfico abaixo:

Gráfico 05. Percentual de títulos estrangeiros em suas subcategorias, lidos na escola urbana

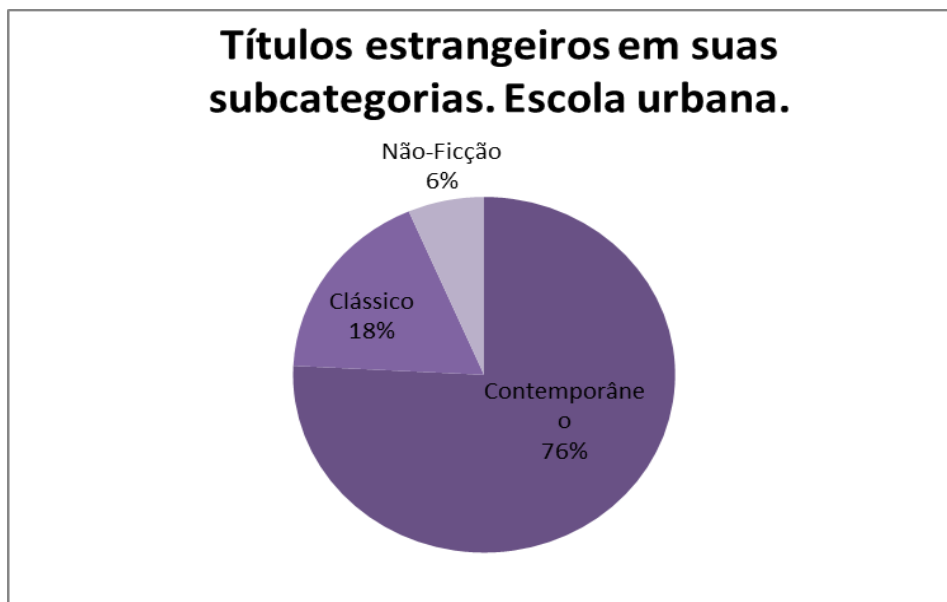
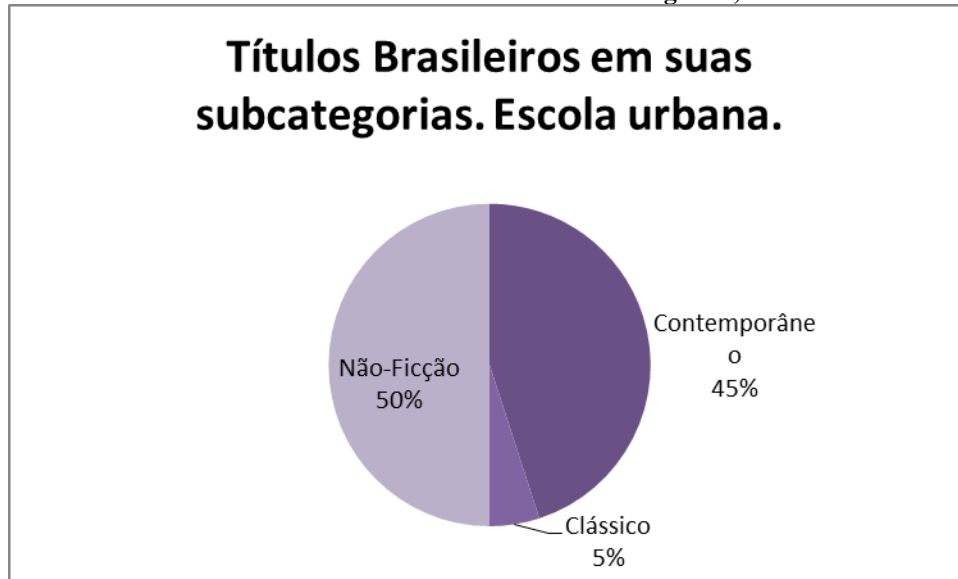


Gráfico 06. Percentual de títulos brasileiros em suas subcategorias, lidos na escola urbana



Observamos que a literatura estrangeira contemporânea é a preferida dos jovens da escola da zona urbana. Na lista que compõe essa categoria, estão livros que tratam de temas mais maduros, diferentemente dos livros preferidos pela escola rural. Em relação aos livros nacionais, os títulos de “Não-ficção” foram os mais populares, demonstrando o interesse desses jovens por livros dessa categoria, que é representada por manuais, livros religiosos e de autoajuda. A literatura brasileira contemporânea não obteve destaque, o que nos leva a formular mais perguntas sobre a ausência de autores brasileiros no cotidiano do público jovem.

Para melhor observar as respostas, fizemos um ranking com os três títulos mais citados em cada escola. Dessa forma, é possível verificar quais livros mais chamaram a atenção dos estudantes. Na escola do campo, as três primeiras posições são ocupadas por: *Chapeuzinho Vermelho* (8 alunos declararam ter lido essa obra), *Os Três Porquinhos* (6 alunos) e *A Pequena Sereia* (5 alunos). Tais obras estão classificadas como “estrangeiras” e “clássicas”.

Já o ranking da escola urbana mostra outra realidade: *A Culpa é das Estrelas* (9 alunos), *Bíblia* (7 alunos) e, empatados em terceiro lugar, as sagas *Harry Potter* e *Percy Jackson*⁸ (5 alunos cada). A primeira e a terceira posição são ocupadas por obras pertencentes às categorias mais populares entre os estudantes dessa instituição: “estrangeiro” e “contemporâneo”. As duas sagas já foram adaptadas para outras mídias, sendo especialmente conhecidas no cinema.

⁸ Alguns estudantes especificaram qual livro da saga Percy Jackson foi lido. Porém os títulos completos foram computados de forma independente. Se o número de leitores que respondeu “Percy Jackson” fosse somado com o número que especificou qual livro, a saga teria, no total, 9 leitores.

As adaptações para o formato audiovisual podem explicar o sucesso desses livros entre os jovens, um público que já está acostumado a ver seus personagens literários favoritos ganharem vida nas telas.

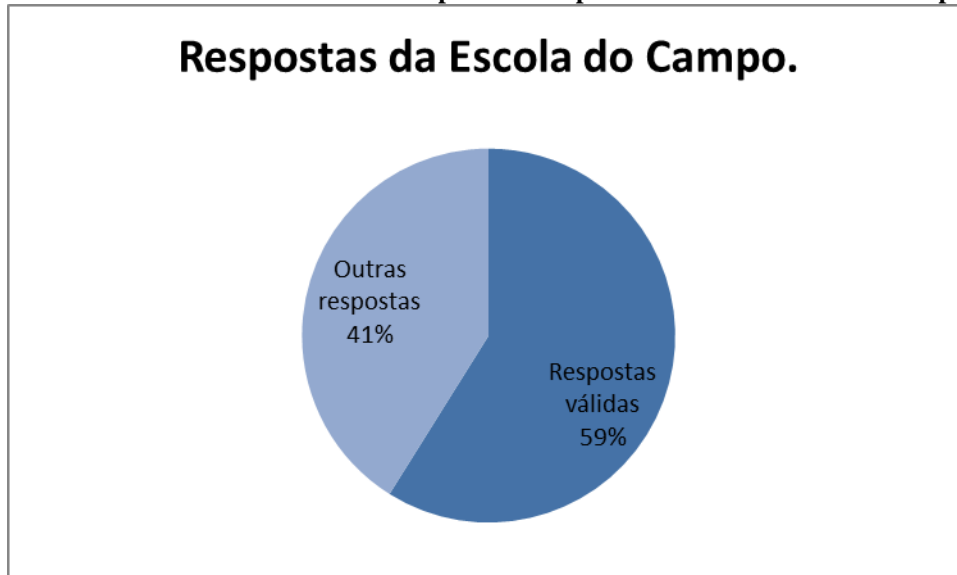
Não se pode omitir o fato de que o interesse pela literatura possa emergir do envolvimento do leitor/espectador com um filme adaptado de um livro, de uma peça teatral baseada em um texto literário de participação em comunidade *on-line* (*fanfiction*) que debatem determinada obra, determinado autor para a leitura do texto impresso. (LUFT, RÖSING. 20017 p. 81)

Em um trabalho anterior⁹, já observamos que o cinema e a literatura têm intercambiado histórias e técnicas, de forma a levar um público leitor a assistir o filme, e, ao mesmo tempo, alavancar a venda do livro que deu origem á produção audiovisual. Sendo assim, supõe-se que a falta de produções brasileiras, alinhadas com a produção cinematográfica e voltadas para o público jovem, seja um dos fatores que favoreça a invisibilidade de nossa literatura, em relação aos livros estrangeiros.

Outras Respostas

Durante a tabulação dos questionários, outro dado chamou a atenção: a falta de respostas, ou respostas alternativas para o questionário. Os gráficos 7 e 8 mostram a porcentagem de questionários que não apresentaram respostas satisfatórias em cada escola.

Gráfico 07. Percentuais de Outras respostas e Respostas Válidas da escola do campo



⁹ Artigo “Cinema e Literatura: experiências que começam nas páginas e continuam nas telas”, apresentado no XVII Congresso de Ciência da Comunicação da Região Centro-Oeste, realizado em Campo Grande-MS, 4 a 6/6/2015. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0111-1.pdf>. Acessado 10/07/2016 às 11:54.

Gráfico 07. Percentuais de Outras respostas e Respostas Válidas da escola urbana



Observamos que na escola localizada na zona rural, mais de 40% das respostas não foram consideradas para as análises anteriores (livros estrangeiros X livros brasileiros e contemporâneos X clássicos). Este é outro ponto que suscita mais perguntas. Por que os alunos não responderam a questão corretamente ou a deixaram em branco?

Por se tratar de uma questão aberta, os estudantes tinham a liberdade de dar qualquer resposta. Isso resultou em respostas que não puderam ser computadas em outras categorias porque não foram compreendidas. Como dito anteriormente, a categoria “Não identificável/ilegível” é destinada às respostas escritas em uma caligrafia incompreensível e com erros de ortografia. Alguns dos livros apontados não foram identificados em buscas na Internet e no catálogo de grandes livrarias, portanto também foram inseridos nesta categoria. Nos gráficos a seguir, vemos quantas respostas não identificáveis foram dadas em cada escola:

Gráfico 08. Percentuais de respostas alternativas na escola do campo



Gráfico 07. Percentuais de respostas alternativas na escola urbana



De um total de 119 respostas obtidas na escola do campo, 53 não foram válidas, ou seja, não foram utilizadas nas análises anteriores. Já na escola urbana, das 153 respostas apresentadas, 21 foram desconsideradas. O alto número de respostas alternativas apresentadas pela escola do campo não chama a atenção apenas por sua quantidade (41% do total de respostas), mas também pela repetição de algumas delas, especialmente os títulos “Não identificados”. 19 títulos foram colocados nessa categoria, porém alguns foram marcados mais de uma vez, totalizando 24 repostas. Esses dados nos levam a algumas hipóteses: 1. Os alunos têm acesso a livros que não estão presentes em grandes livrarias, sendo de produção e/ou distribuição independente; e 2. os estudantes podem não ter entendido a pergunta, ou mesmo não se lembram dos livros que alegam ler, respondendo somente a temática dos mesmos, dando informações genéricas como “romance” e “poesia”, não especificando títulos. Respostas desse tipo não indicam precisamente a falta do hábito de ler, mas talvez o pouco contato que esses jovens têm com livros. A leitura pode estar, então, designada a outros contextos, onde a obra impressa e encadernada em formato de livro não é necessariamente a mais importante.

Considerações Finais

Comparar duas escolas, uma rural e outra urbana, é uma oportunidade para observar como o comportamento dos alunos muda de uma região para outra, mesmo que eles estejam inseridos na mesma rede de ensino, vivendo no mesmo Estado e país. Obviamente, não é possível considerar a escola como o único influenciador na opinião desses jovens. Os amigos, a relação com a família e todos os outros aspectos que os rodeiam influenciam em

sua educação. Mais comumente no campo, observamos um comportamento social que preza pela coletividade, pela vida em comunidade. Nesses casos, a escola é um dos principais (se não o principal) locais de socialização para os jovens. Já na cidade, tende-se a adotar um comportamento mais individualista. Entretanto, nos dois casos, é inegável que o professor e a instituição de ensino têm um papel fundamental na formação de leitores.

O ponto em comum entre as duas escolas estudadas é a pouca popularidade da literatura nacional entre os jovens. A literatura clássica brasileira é parte do conteúdo programático da escola, porém, segundo as respostas dos estudantes, ela não mostra estar presente em seu cotidiano. Ao menos, títulos que se encaixem nessa descrição não foram citados por nenhum aluno da escola rural, e somente dois da escola na zona urbana. Dessa forma, deduzimos que obras contemporâneas e estrangeiras são as preferidas pelos jovens.

Os títulos brasileiros contemporâneos ainda são ofuscados por seus correspondentes estrangeiros. Em estudos posteriores, pretende-se questionar os alunos sobre como escolhem as obras, e se produções audiovisuais (filmes e séries) realmente influenciam na hora de escolher a próxima leitura. Dessa forma também será possível saber o que faz uma obra ser escolhida em detrimento da outra e espera-se observar por quais motivos os nossos autores são menos conhecidos e/ou citados.

Entre as duas instituições analisadas, a diferença mais marcante é em relação ao hábito de ler em si. Enquanto a escola urbana apresentou uma média de mais de 2 livros por aluno, a escola rural apresentou uma média pouco superior a um livro por aluno. Os títulos, além de serem poucos, também eram voltados para o público infantil, mostrando que os alunos leitores dessa escola ainda não têm tanto contato com obras mais maduras. Nesses casos, as dificuldades de acesso aos livros devem ser levadas em conta, bem como a resistência dos alunos frente ao texto escrito. É interessante lembrar que nem uma das instituições têm muitos leitores que podem ser considerados assíduos.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a leitura*. Disponível em <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>>. Acessado em 10/07/2016.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 111-130.

LUFT, G.; RÖSING, T. M. K. A Nova Leitura Literária Infantil e Juvenil no Contexto dos Centros Culturais Multimídiais. *Revista Língua e Literatura*. Frederico Westphalen. V.10. n.14. p.67-83. 2007.